

CAPÍTULO I

Antes de Vir para Paris

Nasci em São Francisco, na Califórnia. Por isso, sempre preferi viver num clima temperado. Mas é difícil, no continente europeu ou mesmo na América, encontrar um clima temperado onde viver. O pai da minha mãe foi um pioneiro. Veio para a Califórnia em 1849 e casou com a minha avó, que gostava muito de música. Foi aluna do pai de Clara Schuman. A minha mãe era uma mulher discreta e encantadora, chamada Emilie.

O meu pai pertencia a uma estirpe patriota de polacos. Um seu tio-avô organizou um regimento para Napoleão, no qual foi coronel. O pai dele, logo a seguir ao casamento, deixou a mulher para ir lutar nas barricadas em Paris, mas assim que ela lhe cortou a mesada, regressou sem demora e levou uma vida de proprietário de terras abastado e conservador.

Pela parte que me toca, nunca tive gosto pela violência, sempre tenho encontrado prazer nos trabalhos de agulha e na jardinagem. Tenho grande apreço por pintura, móveis, tapeçarias, casas e flores, e até por verduras e árvores de fruto. Aprecio uma boa paisagem, mas gosto de me sentar de costas para ela.

Durante a infância e a juventude vivi a amena existência própria da minha classe e género. Tive algumas aventuras intelectuais nesse tempo mas muito discretas. Quando tinha cerca de dezanove anos era grande admiradora de Henry James. Pareceu-me que *The Awkward Age* daria uma peça de teatro notável e escrevi-lhe, propondo-

-me fazer a adaptação. Recebi dele uma carta encantadora sobre o assunto, mas depois, quando me apercebi da minha incapacidade, senti-me envergonhada e desfiz-me da carta. Talvez na altura achasse que não havia motivo para guardá-la. Para todos os efeitos, já não existe.

Até aos vinte anos interessei-me seriamente pela música. Estudava e praticava com assiduidade, mas em breve me pareceu uma futilidade. A minha mãe tinha falecido e, embora não sentisse uma tristeza insuperável, também não existia um interesse genuíno em continuar. Na história de Ada, em *Geography and Plays*, Gertrude Stein fez uma ótima descrição de mim, como eu era nesse tempo.

A partir daí e durante mais ou menos seis anos, andei muito ocupada. Levei uma vida agradável, tinha muitos amigos, divertimento com fartura e interesses variados. A minha vida era bastante preenchida e desfrutei-a, mas não a vivia com ardor. O que me remete para o incêndio de São Francisco, que teve como consequência o regresso do irmão mais velho de Gertrude Stein e da esposa, de Paris para São Francisco, acontecimento que determinou uma mudança completa na minha vida.

Nessa altura vivia com o meu pai e o meu irmão. O meu pai era um homem tranquilo que levava as coisas com calma, embora as sentisse intensamente. Na primeira e terrível manhã do incêndio de São Francisco, acordei-o e disse-lhe que a cidade fora sacudida por um terramoto e agora estava a arder. Isso vai manchar a nossa reputação na costa leste, respondeu ele, virando-se para o outro lado e adormecendo de novo. Lembro-me de uma vez em que o meu irmão e um colega foram passear a cavalo e um dos animais regressou ao hotel sem o cavaleiro. A mãe do outro rapaz deu início a uma cena tremenda. Acalme-se, minha senhora, disse o meu pai, talvez tenha sido o meu filho quem morreu. Uma das suas máximas que eu nunca esqueço é, se tiveres de fazer uma coisa, fá-la com elegância. Também me dizia que uma anfitriã nunca devia pedir desculpa por qualquer falha nos seus preparativos domésticos, pois se uma anfitriã existe, na medida em que ela existe, não pode haver falhas.

Como eu dizia, vivíamos todos confortavelmente juntos e nunca me passara pela cabeça qualquer desejo ou intenção de mudar esse estado de coisas. A perturbação da rotina das nossas vidas ocasiona-

da pelo incêndio, seguida pela chegada do irmão mais velho de Gertrude Stein com a esposa, veio alterar tudo.

Mrs. Stein trouxe consigo três pequenos quadros de Matisse, as primeiras coisas modernas que atravessaram o Atlântico. Conheci-a nessa ocasião de perturbação geral e ela mostrou-mos, e contou-me várias peripécias da vida que tinha em Paris. Pouco a pouco fui dizendo ao meu pai que provavelmente me iria embora de São Francisco. Ele não ficou incomodado com isso. Ao fim e ao cabo, por essa altura havia um grande movimento de idas e vindas, e muitos amigos meus estavam de partida. Daí a um ano também eu já partira, tendo como destino Paris. Lá, fui visitar Mrs. Stein, que entretanto regressara, e em sua casa conheci Gertrude Stein. Fiquei impressionada com o broche de coral que ela usava e com a sua voz. Posso dizer que só três vezes na vida me encontrei com um génio, e em cada uma das vezes um sino repicou dentro de mim, e não me enganei. E posso dizer que em qualquer desses casos isso aconteceu antes de haver um reconhecimento geral da sua natureza de génios. Os três génios a que me refiro são Gertrude Stein, Pablo Picasso e Alfred Whitehead. Conheci muita gente importante, conheci pessoas notáveis, mas só conheci três génios de primeira categoria e, em cada um dos casos, assim que os vi, algo soou dentro de mim. Em nenhum dos três casos me enganei. Foi assim que teve início a minha vida nova e plena.



CAPÍTULO II

A Minha Chegada a Paris

Corria o ano de 1907. Gertrude Stein tinha no prelo *Three Lives*, que ia publicar em edição particular, e já ia adiantada com *The Making of Americans*, o seu livro de mil páginas. Picasso acabara de pintar o retrato dela, de que ninguém na altura gostava, exceto o pintor e a retratada, e que agora é tão famoso, e já dera início ao estranho e complicado quadro das três mulheres, enquanto Matisse terminara o seu *Bonheur de Vivre*, a primeira grande composição que lhe granjeou o nome de *fauve* ou fera. Era o momento que Max Jacob designou como o período heroico do cubismo. Lembro-me de ouvir, não há muito tempo, Picasso e Gertrude Stein conversarem sobre várias coisas que tinham acontecido nessa época, tendo um deles observado, mas tudo isso não pode ter ocorrido nesse espaço de um ano, ah, meu amor, disse o outro, esqueces-te de que nesse tempo éramos jovens e fazíamos muita coisa num ano.

Há muito para contar sobre o que estava a acontecer então e sobre o que já acontecera antes e dera origem ao que se passava então, mas agora tenho de descrever o que vi quando cheguei.

A casa, no número 27 da Rue de Fleurus, consistia, tal como agora, de um pequeno apartamento de dois andares com quatro quatinhos, cozinha e casa de banho, e um amplo *atelier* contíguo. Atualmente, o *atelier* está ligado ao apartamento por um estreito passadiço acrescentado em 1914, mas naquela época o *atelier* tinha entrada independente. Tocava-se à campainha do apartamento